

BOOK REVIEW

A COMPANION TO MEDIEVAL TRANSLATION

Iolanda Rodriguez Aldrei*

Universidade Aberta | Universidade NOVA de Lisboa - FCSH

A Companion to Medieval Translation, Jeanette M. A. Beer (editora), Leeds, Arc Humanities Press, 2019, 208 pp, £140, ISBN: 9781641891837.

A professora emérita da Purdue University e membro sénior do Lady Margaret Hall e do St. Hilda's College de Oxford, bem conhecida pelas suas obras sobre língua e literatura medieval, Jeanette Beer, proporciona neste livro, redigido integralmente em inglês, uma 'boa companhia', como o título promete, para a tradução medieval, oferecendo uma brilhante apresentação do contexto e da realidade das traduções na Idade Média. A introdução antecede a colaboração de mais quinze especialistas que, juntamente com a própria Beer como autora de um capítulo, oferecem um abrangente panorama da obra dos tradutores medievais. Contudo, a coletânea também reflete acerca de tradução da Idade Média, que Beer considera imprescindível para o encontro de tempos, conhecimentos e culturas, bem como para a preservação de textos, ideias e narrações, pois, em palavras da autora:

Translation bridged the gap between past and present, but the legitimization of *imperium* and the transfer of culture were lofty abstractions in comparison with translation's daily agenda in an age which as a whole was, according to Michel Zink, one vast translation enterprise: "Le Moyen Age tout entier est une vaste entreprise de traduction (Beer, 2019).

A partir da citação anterior inserida em "Preface to Galderisi", *Translations médiévales*, vol. 1, p. 9 (Zink, 2011), a autora corrobora a importância da tradução medieval ("Translation was never more vital than in the Middle Ages") e introduz a *translatio studii* e a *translatio imperii* como produtos heterogéneos que sustentam a comunicação escrita desde o reconhecimento das línguas vernaculares que, para se configurarem como veículos da 'modernidade', necessitaram de "(...) a variety of texts to make legal, administrative, commercial, scientific, or medical material comprehensible; to gloss; and to provide devotional material for a lay congregation".

A impecável redação da obra permite contemplar o panorama a partir dos contributos de M. J. Toswell (Chapter 1. The European Psalms in Translation), Clive R. Sneddon (Chapter 2. The Old French Bible), Ian Johnson (Chapter 3. Middle English Religious Translation), Henry Ansgar Kelly (Chapter 4. Bible Translation and Controversy in Late Medieval England), Matthew Cheung-Salisbuty, Elisabeth Dutton e Olivia Robinson (Chapter 5. Medieval Convent Drama: Translating Scripture and Transforming the Liturgy.), Erin Michelle Goeres

*2302344@estudante.uab.pt

(Chapter 6. Translating Romance in Medieval Norway: Marie de France and *Strengleikar*), Jeanette Patterson (Chapter 7. Christine de Pizan, Translator and Translation Critic), Thomas Hinton (Chapter 8. Translation, Authority, and the Valorization of the Vernacular), Alison Cornish (Chapter 9. Vernacular Translation in Medieval Italy: *volgarizzamento*), Christopher Kleinhenz (Chapter 10. Dante and Translation), Marilyn Corrie (Chapter 11. Chaucer and Translation), Eoin Bentick (Chapter 12. Alchemy and Translation), Anthony Hunt (Chapter 13. Scientific Translation: A Modern Editor's Perspective), Michelle R. Warren (Chapter 14. Modern Theoretical Approaches to Medieval Translation) e da própria Jeanette Beer (Chapter 15. Observations on Translation by a Thirteenth-Century *Maître: Li Fet des Romains*), para além do epílogo de Simon Armitage (Observations on Translation by the Oxford Professor of Poetry: *Pearl*) que Beer apresenta na sua Introdução enquanto uma obra que se destaca pela sua pluralidade temática, espacial, temporária e até genealógica.

Acreditamos na necessidade de tratar cada um dos textos que se integram neste macro-texto de maneira particularizada, pelo que atenderemos ao conteúdo de cada capítulo, começando pelo primeiro, que descreve a importância da tradução dos salmos na Europa medieval. Toswell mostra, a partir do estudo da história das versões bilingues e mesmo trilingues dos salmos, a sua pertinência pedagógica e a sua importância para os desenvolvimentos da devoção individual e comunitária. De seguida, o Capítulo 2 de Clive R. Sneddon explora a antiga Bíblia francesa, ainda considerada como o livro dos livros e, portanto, passível de ser estudada em relação à tradução de partes individuais até à versão da obra completa no século XIII. No Capítulo 3, Ian Johnson analisa textos do inglês médio resultados de traduções religiosas, insistindo na necessidade de transmitir a interpretação e, portanto, de complementar a transferência linguística com a elaboração interpretativa que resulta do trabalho de tradutores, compiladores, comentaristas e pregadores. Johnson comenta textos particulares como Orm's *Ormulum*, o Saltério de Richard Rolle ou a Bíblia Wycliffite, entre outros, que são resultado da organização e da hibridação textual. De seguida, o Capítulo 4 proporciona uma continuidade a respeito do anterior, uma vez que também se centra na tradução de textos religiosos para o inglês, embora Henry Ansgar Kelly se centre nas adaptações e traduções da Bíblia para o inglês medieval tardio e nas controvérsias e debates que suscitaram no século XV. No Capítulo 5, Matthew Cheung-Salisbury, Elisabeth Dutton e Olivia Robinson analisam os manuscritos do Chantilly, Musée Condé MS 617, do final do século XV e copiado no convento carmelita das Dames Blanches em Huy (na Bélgica moderna), bem como uma versão posterior do início do século XVII do arquivo do convento de Liège, que contém cinco peças traduzidas para o francês. Segundo esta análise, as mulheres medievais contribuíram para a tradução como ouvintes, recetoras, benfeitoras, escritoras, escribas e atrizes.

Viajando mais para norte, o Capítulo 6 trata da tradução medieval na Noruega. Em concreto, Erin Mihelle Goeres centra o seu artigo na ação do rei Hákon (que viveu entre 1217 e 1263) como promotor da tradução de textos a partir de outras línguas. É de sublinhar o interesse pelos textos da literatura cortês adaptados à cultura de chegada, particularmente distinta da cultura de partida. Também é importante o tratamento que no

artigo se dá à tradução dos textos do nórdico antigo. Jeanette Patterson analisa, no Capítulo 7, a figura de Christine de Pizan não apenas como tradutora mas, também, como crítica da intervenção da tradição clerical sobre os textos originais, com traduções que denuncia como enganosas e glosas misóginas. Patterson contempla também as técnicas de Pizan como tradutora e como a mesma descontextualiza e transforma o material *De civitate Dei*, de Agostinho, para fornecer uma visão atualizada do retrato da mulher. No Capítulo 8, Thomas Hinton trata os conceitos do vernáculo e da diglossia a partir da seleção de territórios e textos bem como do contraste entre espaços como o occitano, o catalão, o francês ou mesmo o italiano, onde os vernáculos se fortalecem, em oposição a línguas celtas da Grã-Bretanha ou de áreas de fala flamenga ou neerlandesa. Atendendo a áreas onde se fala a língua italiana, o Capítulo 9 ocupa-se da importância das fontes para a literatura vernácula não clerical italiana, com as quais está relacionada, começando pela tradução a partir do occitano. Alison Cornish oferece uma análise da situação dessa literatura vernácula, com o toscano como língua dominante devido à maior produção textual. A necessidade de responder à demanda criou produtos notariais ou narrativos na língua vernácula e promoveu o *volgarizzamento* do francês e do latim, nomeadamente entre meados do século XIII e do XIV. No Capítulo 10, a obra de Dante, que já tinha sido apresentada por Cornish a respeito da literatura italiana e da tradução, é tratada como central no estudo de Christopher Kleinhenz. O autor contempla (desde a taxonomia de Chienti) o *transferimento*, a *traduzione parola-per-parola o uno-a-uno*, a *traduzione letterale o fedele*, a *traduzione modulate*, a *traduzione libera* ou a *tradução de serviços*. Dante apresenta-se como um mestre que compreendeu a tradução como um veículo para o enriquecimento da sua obra. Dante é capaz de compreender contextualmente os textos e de utilizá-los para novos fins. Ainda aborda o *Fiore*, a tradução italiana do *Roman de la Rose*, e a sua atribuição a Dante, que, para Kleinhenz, não parece certa e apenas se justificaria como um exercício de juventude. Atendendo também aos autores literários como tradutores, no Capítulo 11, sobre Chaucer como tradutor, Marilyn Corrie descobre como a tradução é para o poeta um desafio, já que o autor deve trasladar estruturas linguísticas românicas e, conseqüentemente, alheias à língua inglesa, mas que possibilitaram usos enriquecedores para o inglês e aportaram novas formas poéticas. Chaucer foi um tradutor reconhecido na sua época, embora esse aspeto do seu trabalho tenha sido opacado pela sua poesia original; ainda assim, podemos compreender qual foi a importância de Chaucer como tradutor na sua época, a partir da citação do seu contemporâneo Eustache Deschamps: “Grant tradutor, noble Geffroy Chaucier”.

Entrando na importância científica da tradução, no Capítulo 12, Eoin Bentick trabalha a tradução como veículo para a transmissão da alquimia do Egito do século III ao século XV inglês. Passando pelo grego, latim, árabe e pela Escola de Tradutores de Toledo, os textos alquímicos confrontaram a necessidade de preservar o segredo e, de modo simultâneo, serem levados para as línguas vernáculas. Também o capítulo 13 se relaciona com a tradução científica, embora desde a perspectiva dos problemas da edição moderna dos textos traduzidos na Idade Média. As dificuldades na transcrição não contribuem para

facilitar o estudo e a edição atual desses textos científicos, segundo Michelle R. Warren. O investigador informa sobre o escurecimento editorial que provocam abreviaturas, signos hebraicos, ou falta de autoria unitária da tradução em diversos textos que não podemos esquecer que partem previamente de fontes diversas e de traduções sobre a tradução, com fontes gregas, árabes ou hebreias.

No capítulo 14, Michelle R. Warren trabalha, de uma perspectiva não dogmática, sobre a abordagem moderna da tradução medieval após a queda do pós-estruturalismo dos anos 90 do século XX, com presença da teoria dos polissistemas e do cruzamento dos estudos medievais e os pós-coloniais. Ainda no capítulo 15, a própria Jeanette Beer explora a obra do tradutor anônimo de *Li Fet des Romains* que é a primeira tradução da historiografia antiga e a primeira biografia traduzida do latim para uma língua vernácula europeia. Os materiais referidos a Júlio César fornecem comentários (contextualizados no Paris do século XIII) que promovem a nossa compreensão da vida e da tradução medieval.

Em jeito de conclusão, o epílogo de Armitage mostra a tradução na atualidade como uma atividade tão necessária e valorizada como o foi na idade Média e, como prova da sua afirmação, sublinha o facto de ter recebido, pela tradução de O Professor de Poesia da Universidade de Oxford, o Prémio Tradução do PEN Poesia em 2017.

Para finalizar, Beer oferece um apêndice com uma lista de artigos apresentados em sessões anuais de Teoria e Prática da Tradução Medieval organizadas pela editora para o Congresso Internacional de Estudos Medievais.

“*A Companion to Medieval Translation*” é um bom companheiro e também um compêndio, no que à polifonia diz respeito, estudando a tradução na Idade Média a partir de diferentes perspectivas, nos diferentes espaços da Europa Medieval e nos âmbitos científico, literário ou religioso, incluindo também o papel da mulher como tradutora. Jeanette Beer coordena especialistas e permite, deste modo, abrir à polifonia e ao multiperspectivismo a abordagem do tema, de tal modo que a obra, no seu conjunto, possa ser interessante para investigadores incipientes e para especialistas. As limitações que a autora poderia ter na hora de aportar os frutos da própria investigação numa obra deste tipo são superadas pelo facto de utilizar, até às últimas consequências, uma metodologia colaborativa, na qual ela se integra como científica, apresentadora e ‘costureira’, de modo a que possa, através dos temas, promover uma verdadeira viagem pela tradução medieval.

Sobre a autora: Iolanda Rodriguez Aldrei é doutoranda no Programa de Doutoramento em Estudos Medievais da Universidade Aberta | Universidade Nova de Lisboa – FCSH. As suas investigações centram-se em estudos literários medievais galego-portugueses